



Augusto Coelho/Fenabae

Plenário do 25º CONECEF

CONECEF: aprovadas resoluções para negociações com a Caixa, mas modelo de PCC fica para depois

Durante o 25º Congresso Nacional dos Empregados da Caixa Econômica Federal (CONECEF) realizado de 23 a 25 de abril/2009, em Brasília, foram aprovadas resoluções que abrangem os diversos assuntos a serem tratados na mesa de negociação permanente com o banco. O que seria um dos pontos prioritários do evento, no entanto, ficou para depois. Por decisão da maioria, o congresso adiou a definição da proposta dos empregados para um novo modelo de PCC – Plano de Cargos Comissionados, o que a CEF vem chamando de Plano de Funções Comissionadas (PFC).

A conclusão dos debates será em

plenária nacional a ser convocada pela Comissão Executiva dos Empregados da CEF, em data e local a serem definidos. “Depois de os empregados terem se empenhado para fazer as discussões nos Estados, houve pouco espaço para o debate no congresso”, lamentou a diretora do Sindicato dos Bancários/ES, Bernadeth Martins. Só no Espírito Santo foram realizadas cinco reuniões para discussão de propostas para o PCC. E o GT criado para aprofundar o tema recebeu 1480 sugestões enviadas por e-mail por bancários de todo o Brasil.

Um dos pontos polêmicos sobre o PCC diz respeito à manutenção do

CTVA – verba recebida pelos gerentes. A delegação do Espírito Santo, conforme decisão do Congresso Estadual, defendeu o fim do CTVA, mas o GT propõe a transformação da verba em complemento temporário de ajuste. A extinção do CTVA foi decisão, inclusive, de congressos anteriores.

Entre as premissas defendidas no CONECEF pelos capixabas está a garantia de que a discussão do PCC seja feita pela base e que a proposta final de redação seja submetida às assembleias. Outra premissa é a não-exigência do saldamento REG/Replan e de desistência de ações na Justiça para migração para o novo PCC.

Campanha com mesa única e negociação específica

Na Campanha Salarial 2009, os empregados da CEF estarão representados na mesa única de negociação com a Fenaban, que trata da Convenção Coletiva dos Bancários, e também na mesa específica concomitante, para discussão da pauta específica. A proposta de reivindicar a reposição das perdas salariais da era FHC não foi aprovada. O índice de reajuste Salarial será definido na Conferência Nacional dos Bancários.

Entre os temas em destaque na pauta específica está a isonomia para os técnicos bancários. A discussão sobre o PCS também marcou o CONECEF. As críticas aos critérios de promoção foram feitas por todas as forças políticas e bancários de base.

O CONECEF aprovou por unanimidade a realização de uma ampla campanha pela eleição do Diretor Representante (Direp) e do vice-presidente repre-

sentante dos empregados e participação no conselho gestor da empresa.

Homenagem

Na solenidade em comemoração aos 25 anos do CONECEF foram homenageadas algumas lideranças históricas do movimento. São elas: Olívio Gomes Vieira/RJ, Wilson Ribeiro/SP, Gilmar Cabral Aguirre/RS, Emanuel Souza de Jesus/BA, Rita Lima/ES e José Carlos Alonso/SP.

Congresso teve avanços e retrocessos

Augusto Coelho/Fenae

A participação das diferentes forças políticas que têm representação no movimento dos empregados da CEF foi um dos pontos positivos do 25º CONECEF. A Conlutas, central representada pelos sindicatos do Rio Grande do Norte e de Bauru e por oposições em outros Estados, voltou a participar do congresso. “Foi um avanço no sentido da unificação do movimento, com respeito às diferenças políticas”, destacou a diretora do Sindicato Bernadeth Martins, ressaltando a atuação conjunta do campo de esquerda do movimento com relação às polêmicas do CONECEF.

Se por um lado houve ganhos organizativos, também houve perdas. “O CONECEF perdeu a vinculação com o calendário da campanha salarial. Assim, os empregados perderão a oportunidade de discutir a pauta geral da categoria e influenciar na formulação política da campanha”, afirmou a diretora Rita Lima.

Outra crítica da delegação capixaba é em relação aos critérios aprovados para a eleição de delegados ao evento. Foi aprovado o número de um delegado para cada 300 bancários na base. “Nós defendemos um para 200 para ampliar a participação da base e não deixar que o CONECEF perca seu caráter de formação



Votações polêmicas: delegação capixaba (à frente) vota ‘não’

de novas lideranças e se torne apenas um evento de dirigentes”, disse Rita.

A eleição e composição da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa) também geraram polêmica. O campo de esquerda, formado pela Intersindical (na qual a delegação do Espírito Santo estava inserida, junto com representantes de base de Florianópolis, Rio de Janeiro e o Coletivo Bancários de Base de São Paulo), a CTB (representada pela Federação dos Bancários BA/SE e Sindicato de Salvador), a Conlutas (sindicatos do Rio Grande do Norte e Bauru) e um setor da CUT (a CSD representada pela Federação dos Bancários do Rio Grande do Sul), defendeu a eleição por nome escolhido entre os delegados presen-

tes ao CONECEF, na proporcionalidade entre as chapas inscritas. Mas prevaleceu o modelo atual, com a representação por federação. “É uma representação artificial, porque não reflete a pluralidade política do Congresso. As federações podem indicar pessoas que nem participaram do CONECEF”, explicou Rita Lima.

O campo de esquerda defendeu a aprovação de resolução a favor da estatização do sistema financeiro frente à crise, mas o CONECEF decidiu não se manifestar. “É preciso que o sistema financeiro seja financiador da produção e do desenvolvimento para evitar ataques especulativos. Isso só será possível sob controle do Estado”, defendeu Rita Lima.

EDITORIAL

25 anos do CONECEF: espaço de organização das lutas

Em seus 25 anos de existência, o CONECEF se consolidou como um espaço de organização, debate político e mobilização dos bancários da Caixa. O movimento dos empregados da CEF nasceu livre de patrões, de partidos, fora da estrutura oficial que mantinha o sindicalismo atrelado ao Estado. Referenciado no princípio do classismo, uma de suas primeiras lutas e conquistas foi para que os empregados da CEF pertencessem à categoria bancária.

Nesses 25 anos, o movimento não deixou de pautar as demandas cotidianas da categoria, bem como as bandeiras imediatas e históricas da classe trabalhadora e do

povo brasileiro.

Desde então, nós, empregados da CEF, temos sido incansáveis na defesa do banco público, na luta contra as privatizações de outras estatais, pela democratização da Caixa, nas lutas contra a retirada de direitos. Nunca aceitamos demissões de companheiros e a todas elas respondemos com greves, lutas, solidariedade e ações judiciais.

Isso só foi possível porque nunca abrimos mão de espaços organizativos próprios para debater nossos problemas, para construir nossas demandas, para elaborar nossas sínteses. Esse espaço é o CONECEF, que sempre expressou a força da atuação coletiva,

sustentada na organização e na soberania das bases.

Por tudo isso, defendemos a manutenção do CONECEF com o caráter organizativo das nossas lutas, campanhas salariais, greves, movimentos e organizações de nossas bases sindicais. Vivemos um momento de crise do capital, que nos pega num momento também de crise do sindicalismo brasileiro, cuja expressão maior é a fragmentação da CUT em várias outras centrais. Esperamos que a maturidade que alcançamos nestes vinte e cinco anos de convivência democrática nos sirva de referência para continuarmos unidos e enfrentarmos os efeitos dessa crise e a busca do sonho do socialismo.